

A situação da chikungunya em Fortaleza

Larissa C. Grangeiro¹; Lisandra S. dos Santos²; Bruna Barbara F. Moura Baía³, Adriano R. de Souza⁴; Osmar José do Nascimento⁵

²Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: larissa_grangeiro@hotmail.com. ²Acadêmica de Enfermagem da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, CE, Brasil. E-mail : lisandrasantos17@gmail.com. ³Enfermeira. Bolsista BTT - FUNCAP, CE, Brasil. E-mail : brunafernandes@edu.unifor.br. ⁴Docente do curso de enfermagem da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Ce, Brasil. E-mail: adrianorsouza@gmail.com. ⁵Técnico de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde de Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: osmarjnascimento@gmail.com.

A febre de chikungunya é uma arbovirose causada pelo vírus Chikungunya (CHIKV), da família Togaviridae e do gênero Alphavirus. A viremia persiste por até dez dias após o surgimento das manifestações clínicas. A transmissão ocorre pela picada de fêmeas dos mosquitos *Ae. Aegypti* e *Ae. albopictus* infectadas pelo CHIKV. Os sinais e os sintomas são clinicamente parecidos com os da dengue, são eles: febre de início agudo, dores articulares e musculares, cefaleia, náusea, fadiga e exantema. Ressalta-se que os primeiros casos confirmados no município de Fortaleza foram registrados no ano de 2014, mas somente em novembro de 2015 foram confirmados os primeiros casos autóctones. Baseado nisso passamos a nos questionar: Qual o comportamento epidemiológico da chikungunya? Para responder estes questionamentos objetivamos descrever o perfil epidemiológico da dos casos confirmados da chikungunya em Fortaleza no período de 2014 a 2016. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa. A coleta dos dados foi realizada junto a Célula de Vigilância Epidemiológica (CEVEPI) no período de abril de 2016. Tivemos como fonte de dados o sistema de tabulação (TABWIN) do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Análise dos dados ocorreu através do sistema STARTA. Entre os anos de 2014 a 2016 foram confirmados 117 casos de chikungunya. Destes, 25 foram casos importados e 92 casos autóctones, sendo todos os casos confirmados por testes de laboratório. Os casos autóctones confirmados no ano de 2016 estão distribuídos nas áreas dos bairros Amadeu Furtado, Rodolfo Teófilo, Parquelândia, Parque Araxá, Monte Castelo, Floresta, Carlito Pamplona, Alvaro Weyne, São Gerardo Alagadiço e Vila Ellery. Observa-se mais outros dois agregados com transmissão sustentada: Bairro Montese e entorno com 12 casos autóctones e Mondubim e entorno com 3 casos. Afastado desse agregado temos casos autóctones nos Bairros Genibaú, Henrique Jorge, Pan Americano, Itaperi, Guajeru, Cidade dos Funcionários e Meireles. Considerando que a suscetibilidade ao vírus Chikungunya é universal, se faz necessário o controle dos vetores, identificação de áreas de alto risco e o reforço das práticas de prevenção no âmbito domiciliar e da comunidade, orientando as ações de vigilância e controle.

Palavras-chave: febre de chikungunya, vírus chikungunya, epidemiologia.